

Gestão e Planejamento de Unidades de Produção Agrícola

Saionara Araújo Wagner

Elvio Giasson

Lovois de Andrade Miguel

João Armando Dessimon Machado

Organizadores

EAD
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



Gestão e Planejamento de Unidades de Produção Agrícola



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA**

Secretário

Sérgio Roberto Kieling Franco

Vice-Secretário

Silvestre Novak

Comitê Editorial

Lovois de Andrade Miguel

Mara Lucia Fernandes Carneiro

Silvestre Novak

Sílvio Luiz Souza Cunha

Sérgio Roberto Kieling Franco,
presidente

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

Gestão e Planejamento de Unidades de Produção Agrícola

Saionara Araújo Wagner

Elvio Giasson

Lovois de Andrade Miguel

João Armando Dessimon Machado

Organizadores

EAD
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA


UFRGS
EDITORA


SEAD
Secretaria de
Educação a Distância


CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA
**PLANEJAMENTO E GESTÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

© dos Autores
1ª edição: 2010
Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e projeto gráfico: Carla M. Luzzatto
Revisão: Ignacio Antonio Neis e Sabrina Pereira de Abreu
Editoração eletrônica: Luciane Delani

Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS

Coordenador: Luis Alberto Segovia Gonzalez

Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural

Coordenação Acadêmica: Lovois de Andrade Miguel

Coordenação Operacional: Eliane Sanguiné

G393 Gestão e planejamento de unidades de produção agrícola / organizado por Saionara Araújo Wagner ... [et al.] ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

128 p. : il. ; 17,5x25cm

(Série Educação A Distância)

Inclui figuras, gráficos e quadros.

Inclui Apêndice e Referências.

1. Agricultura. 2. Unidades de produção agrícola – Gestão – Planejamento. 3. Unidades de produção agrícola – Abordagem sistêmica. 4. Unidades de produção agrícola - Caracterização geral. 5. Unidades de produção agrícola – Fatores de produção. 6. Unidades de produção agrícola – Avaliação. 7. Unidades de produção agrícola – Operacionalização – Diagnóstico agrossocioeconômico. I. Wagner, Saionara Araújo. II. Universidade Aberta do Brasil. III. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

CDU 631

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0126-5

8 – OPERACIONALIZAÇÃO DO DIAGNÓSTICO AGROSSOCIOECONÔMICO DA UNIDADE DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA



Saionara Araújo Wagner¹⁹, Elvio Giasson²⁰ e Lovois de Andrade Miguel²¹

O entendimento dos potenciais e das limitações de uma Unidade de Produção Agrícola (UPA), considerando-se os aspectos referentes aos recursos naturais, humanos, sociais e econômicos, é a base para o planejamento de seu uso. Entretanto, os estudos anteriores à elaboração de projetos não devem limitar-se ao inventário das restrições ambientais e às potencialidades do mercado.²²

O diagnóstico da UPA é uma ferramenta cujo principal objetivo é contribuir para a elaboração de linhas de planejamento, seja na melhoria dos sistemas de produção em uso seja na introdução de novos sistemas de cultivo ou criação. Porém, quando se planeja desenvolver qualquer ação, deve-se inicialmente distinguir, sistematizar, coletar informações e contatar as pessoas e os atores sociais envolvidos no processo, sejam eles o Estado ou as instituições, as organizações, etc. Deve-se ver neles parceiros no processo de planejamento e gestão da UPA.

Um diagnóstico pressupõe o reconhecimento, em determinado momento, de uma situação, conhecida e transformável em uma situação outra, desejada e desconhecida, passando por um período de acompanhamento, de intervenções e de registro, até se chegar à elaboração de determinadas referências.

As formas de diagnóstico rural mais utilizadas atualmente são o Diagnóstico Estruturado, o Diagnóstico Rural Rápido (DRR) e o Diagnóstico Rural Participativo (DRP). A opção por uma ou por outra metodologia está relacionada aos objetivos do trabalho ou da atividade a ser desenvolvida.

Para a realização do Diagnóstico Estruturado ou do Diagnóstico Rural Rápido, normalmente se utiliza um roteiro de entrevista estruturado ou semiestruturado,

19 Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor Adjunto da Faculdade de Veterinária da UFRGS; Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS.

20 Doutor em Ciência do Solo pela Cornell University; Professor Associado da Faculdade de Agronomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Solo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

21 Doutor em Agronomia / Desenvolvimento Rural pelo Institut National Agronomique, Paris – Grignon (INA-PG); Professor Associado da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Professor-Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural – PGDR/UFRGS.

22 Este capítulo é baseado na experiência dos autores e tem fundamentação nas obras de CHAMBERS (1995) e VERDEJO (2006).

com a realização de uma ou duas visitas à propriedade, a fim de verificar o enquadramento da propriedade no sistema predeterminado, descrevendo-a e analisando-a quanto à sua estrutura, ao seu funcionamento e ao seu itinerário técnico. Com essa metodologia, também se observam e se identificam os membros da família e suas atribuições dentro da UPA, por meio do calendário de mão de obra. Além disso, são analisados e descritos o uso da terra e o croqui da área, identificadas as culturas e as criações existentes, o volume de produção e seu destino. São levados em conta, igualmente, o itinerário técnico de cada cultivo ou criação, os custos de produção e as atividades econômicas desenvolvidas. Busca-se também identificar o diagrama de receitas e despesas, bem como o histórico da família, seus objetivos, suas restrições e oportunidade e os indicadores de qualidade de vida.

Já para o Diagnóstico Rural Participativo, além do levantamento de todas as questões relativas ao sistema produtivo, é possível que, por meio de um conjunto de técnicas e ferramentas, as comunidades façam seu próprio diagnóstico e que, a partir daí, comecem a autogerenciar seu planejamento e seu desenvolvimento. Nesta metodologia, a ideia é, ao invés de as pessoas se confrontarem com uma lista de perguntas previamente formuladas, fazer com que os próprios participantes analisem sua situação e avaliem diferentes opções para melhorá-la.

O propósito do DRP é a obtenção de um autodiagnóstico sobre o estado dos recursos naturais, da situação econômica e social e de outros aspectos importantes para a comunidade estudada. Tenta-se avaliar os problemas e as oportunidades de solução, identificando os projetos passíveis de serem implementados na UPA. Como essa metodologia utiliza diversas ferramentas para a coleta de dados, tais como entrevistas semiestruturadas, diagramas, mapas, travessias e calendários de atividades, abre-se a possibilidade de uma melhor compreensão da situação vivenciada por aquela comunidade.

Portanto, a utilização de uma ou de mais metodologias de coleta de informações para a realização do diagnóstico depende do aprofundamento e do grau de interação que o agente de desenvolvimento deseja alcançar, sendo facultada a utilização de mais de um método em períodos diferentes. O importante é que o diagnóstico seja o mais fiel possível à realidade vivenciada na UPA.

Uma vez determinada(s) a(s) metodologia(s) que será(ão) utilizada(s), é preciso que se definam os objetivos da realização do diagnóstico. O diagnóstico compreende etapas distintas, tais como: análise da situação regional, análise da UPA e de todos os seus componentes produtivos dentro de uma abordagem de enfoque sistêmico e análise da situação da comunidade onde essa UPA está inserida, se isso for julgado necessário pelo agente de desenvolvimento.

A realização de um diagnóstico embasado no enfoque sistêmico pressupõe o entendimento e o conhecimento da organização da sociedade rural em suas diferentes dimensões, quais sejam:

- ▶ ecossistemas;

- ▶ agroecossistemas;
- ▶ sistemas agrários observados na comunidade e na microrregião;
- ▶ sistemas de produção observados na UPA e na comunidade;
- ▶ sistemas de cultivo e de criação implementados na UPA;
- ▶ sistema organizacional observado.

O diagnóstico deve trazer respostas a perguntas importantes, tais como:

- ▶ Quais são as práticas agropecuárias e seus sistemas de cultivo e de criação?
- ▶ Quais são as razões que explicam a existência dessas práticas e sistemas?
- ▶ Quais são suas principais tendências dentro da organização e do planejamento da UPA e quais são os principais fatores que condicionam essas tendências?
- ▶ Quais são os problemas mais relevantes que a UPA vem enfrentando e como se pode contribuir para superar esses problemas?
- ▶ Quais seriam os sistemas de produção e os tipos de produtos mais adequados à UPA em análise?
- ▶ Qual é a percepção da comunidade sobre determinados problemas e sobre possíveis soluções?
- ▶ Qual é o grau de organização da comunidade na qual a UPA está inserida?

É importante entender que um diagnóstico é uma análise detalhada e conjunta da realidade, dos potenciais da comunidade e das possibilidades de se incrementar a capacidade de autogestão e de planejamento de uma UPA.

Ferramentas para a coleta de dados

As principais ferramentas utilizadas para a coleta de dados são as entrevistas semiestruturadas, os questionários, os mapas, os diagramas, os calendários e as matrizes. Cabe salientar que existe uma infinidade de outras ferramentas, mas estas, devido às suas particularidades, não serão apresentadas neste trabalho.

Entrevistas semiestruturadas – Trata-se de entrevistas guiadas por um conjunto de perguntas já previamente determinadas que abordam a temática a ser estudada, sendo a sequência das perguntas estabelecida conforme o desenvolvimento da abordagem do entrevistado. Para tanto, impõe-se desenvolver a “arte de perguntar”, a respeito da qual se discutirá mais adiante. Esse roteiro deve conter perguntas abertas, estimulantes, e que contemplem elementos-chave. Este tipo de entrevista diferencia-se de um questionário, pois permite o diálogo com o entrevistado.

Questionários – São instrumentos importantes para a coleta de dados, mas exigem um grande investimento em tempo e em trabalho para sua construção.

Mapas – São instrumentos interessantes, pois permitem a discussão e a análise de informações de forma visualizada. Podem ser utilizados para caracterizar os recursos naturais, a estrutura social, a comunidade e a propriedade.

Diagramas – Dentre os instrumentos deste tipo, cabe destacar o *Diagrama de Venn*, que pode ser utilizado para a identificação dos atores institucionais locais e

de suas relações, e a *Árvore de Problemas*, que busca analisar a relação causa-efeito de determinado problema.

Calendários – Sendo a dimensão do tempo fundamental para a análise dos problemas e principalmente das atividades agrícolas, os calendários podem fornecer informações imprescindíveis a respeito de determinada UPA ou de determinada comunidade.

Matrizes – De maneira geral, as matrizes buscam comparar e analisar diferentes opções, com o objetivo de classificar, analisar ou avaliar. Uma matriz amplamente utilizada é a denominada FOFA (fortalezas, oportunidades, fraquezas e ameaças).

Dito isso, cabe lembrar que existe uma série de outras ferramentas e técnicas de diagnóstico que podem ser utilizadas; o essencial é valer-se do bom senso e do diálogo compreensivo e gradativo, procurando desvendar novos aspectos e percepções sobre o tema a ser analisado.

Como elaborar um questionário?

A elaboração de questionários não é tarefa fácil. No entanto, dedicar algum tempo e esforço à sua construção pode proporcionar a obtenção de informações mais fidedignas e, sobretudo, reduzir a possibilidade de lacunas ou “pontos cegos” relacionados a tópicos ou dados necessários e não coletados.

Não existe um método-padrão para se elaborar um bom questionário. Existem, porém, algumas recomendações básicas, bem como fatores a serem considerados nessa perspectiva.

O que é um questionário?

Um questionário é um instrumento de investigação que visa a recolher informações, geralmente mediante a inquirição de um grupo representativo da população em estudo. Para tal, formula-se por escrito uma série de perguntas sobre temas de interesse para os pesquisadores, não havendo interação direta entre estes e os inquiridos.

Utilidade e importância dos questionários

Um questionário é extremamente útil quando um investigador pretende recolher informações sobre determinado tema, uma vez que, por meio da aplicação do questionário a um público-alvo, constituído, por exemplo, de agricultores, ele pode recolher informações que permitem conhecer as realidades deles, seus objetivos, suas perspectivas e, desse modo, dispor de elementos de análise para propor ações que venham a suprir as necessidades desses agricultores ou dessa comunidade.

O questionário também é uma ferramenta importante porque proporciona a coleta de dados de um grande número de unidades produtivas em um espaço de tempo razoavelmente curto.



Construção das questões

Um aspecto relevante na elaboração de um questionário é o da linguagem a ser utilizada, que deve estar adequada ao público-alvo, neste caso específico, os agricultores. Requer-se, pois, atenção redobrada na formulação das questões e na forma de apresentação do questionário.

O conjunto de questões deve ser estruturado de forma lógica para quem a ele responde, evitando-se questões irrelevantes, constrangedoras, desinteressantes, com formato ou formulação confusa e complexa, ou ainda questões demasiado longas.

Deve-se ter cuidado para não apresentar questões ambíguas, que possam ter diferentes interpretações; ou questões baseadas em pressuposições que visem enquadrar o agricultor em uma categoria desejada; ou, ainda, questões de natureza pessoal, ou que abordem assuntos delicados ou incômodos para o agricultor.

Um princípio básico é que as questões sejam adequadas à pesquisa em questão. Isso pressupõe que, em sua formulação, sejam respeitados três princípios básicos: **princípio da clareza** (que sejam claras, concisas e unívocas), **princípio da coerência** (que correspondam à intenção da própria pergunta) e **princípio da neutralidade** (que não induzam uma dada resposta, mas liberem o inquirido do referencial de juízos de valor ou de preconceitos do próprio inquiridor).

Tipos de questões em um questionário

Existem dois tipos de questões: as de resposta aberta e as de resposta fechada. As questões de resposta aberta permitem ao inquirido construir a resposta com suas próprias palavras, facultando-lhe, deste modo, a liberdade de expressão. As questões de resposta fechada são aquelas nas quais o inquirido apenas seleciona, entre as opções apresentadas, a que mais se enquadra na sua opinião. Também é usual aparecerem questões dos dois tipos no mesmo questionário, o que configura um questionário misto. A opção do tipo ou dos tipos de perguntas deve estar baseada no propósito do estudo e no método escolhido para posterior divulgação dos resultados, sempre levando em consideração as vantagens e desvantagens de cada tipo de resposta.

Vantagens e desvantagens das questões de resposta aberta e das questões de resposta fechada

Tipos de questões	Vantagens	Desvantagens
Questões de resposta aberta	<p>Respeitam o pensamento livre e a originalidade.</p> <p>Propiciam respostas mais variadas.</p> <p>Proporcionam respostas mais representativas e fiéis à opinião do entrevistado.</p> <p>Permitem ao entrevistado concentrar-se mais sobre as questões.</p> <p>São vantajosas para o investigador, pois permitem recolher variada informação sobre o tema em questão.</p>	<p>Dificultam a organização e a categorização das respostas.</p> <p>Requerem mais tempo para a formulação das respostas.</p> <p>Requerem mais experiência para escrever as respostas ou requerem a utilização de gravador.</p> <p>Em caso de baixo nível de instrução do entrevistado, podem impedir que as respostas representem sua opinião real.</p>
Questões de resposta fechada	<p>Propiciam rapidez e facilidade de resposta.</p> <p>Proporcionam maior uniformidade, rapidez e simplificação na análise das respostas.</p> <p>Facilitam a categorização das respostas para posterior análise.</p>	<p>Dificultam a elaboração de respostas possíveis a determinadas questões.</p> <p>Não estimulam a originalidade e a variedade de respostas.</p> <p>Levam o entrevistado a concentrar-se menos sobre as questões.</p> <p>Podem levar o inquirido a optar por respostas que se aproximam mais de sua opinião, sem que esta seja uma representação fiel da realidade.</p>

Elaborado por Saionara Araújo Wagner, 2010.

Como realizar uma entrevista?

Entrevistar é uma arte que se aprende com a experiência; no entanto, existem alguns princípios gerais que aliam boas maneiras e bom senso. É fundamental que o entrevistador demonstre que não se trata de um interrogatório, e sim, que ele irá estabelecer um diálogo, a fim de poder conhecer melhor a realidade da pessoa entrevistada.

O primeiro passo para a entrevista consiste em definir seus objetivos, estabelecendo um consenso entre os membros da equipe e tomando cuidado para que os pontos mais importantes não sejam negligenciados.

Se mais de uma pessoa for realizar a entrevista, cumpre que sejam definidos os papéis que cada membro da equipe exercerá durante a entrevista. O ideal, para que nunca duas pessoas façam perguntas ao mesmo tempo, é que apenas um dos membros da equipe faça as perguntas, que outro anote as respostas e que um terceiro anote as demais informações relevantes que aparecerem nas respostas do entrevistado.

Existem alguns protocolos a serem levados em consideração, como, por exemplo, marcar com antecedência a hora e o local da entrevista. Se a comunidade for desconhecida do entrevistador e houver um mediador, um extensionista, um líder local, é indispensável que este acompanhe o entrevistador.

Lembre-se que os entrevistados são mais sensíveis à personalidade dos entrevistadores do que às perguntas que lhes são feitas; deve-se, portanto, estabelecer uma relação de confiança entre eles. A arte de uma boa entrevista requer que o entrevistador crie empatia com a pessoa que está sendo entrevistada, e isso acontece se ele adota boas práticas, tais como:

- vestir-se apropriadamente;
- aprender algumas expressões locais;
- identificar-se para o entrevistado, explicando para quem trabalha e qual é o propósito do estudo;
- ressaltar que as respostas são confidenciais;
- ser sensível aos hábitos e horas de trabalho dos entrevistados, agendando a visita com antecedência.

Existe também o que se chama de más práticas na hora da entrevista, as quais consistem em:

- intimidar o entrevistado, dando-lhe a sensação de que está sendo julgado pelo conteúdo de suas respostas;
- provocar discussão entre os entrevistadores, rir ou fazer piadas em uma linguagem que o entrevistado não possa entender;
- ser insensível aos sinais de fadiga ou irritação do entrevistado: duas horas normalmente são o limite máximo para a realização de uma entrevista.

A sequência de perguntas deve seguir um itinerário lógico, de modo que a entrevista transcorra de forma tranquila, sem causar fadiga ao entrevistado. Para isso, recomenda-se que o entrevistador:

- siga o roteiro para não se perder no questionário;
- estruture a entrevista de maneira que o entrevistado saiba que assunto preciso está sendo tratado;
- evite interromper o raciocínio do entrevistado e não demonstre desinteresse;
- use linguagem simples, ou seja, que o produtor entenda;
- deixe as perguntas mais sensíveis para o final e determine quais elas são;
- aprofunde na hora certa as informações: *Quê?*; *Quem?*; *Como?*; *Quando?*; *Onde?*; *Por quê?*;
- esteja atento para detectar respostas vagas, inconsistentes, irrelevantes, incompletas, improváveis, mas usando de tato. Pode ser que a pergunta tenha sido mal entendida. A perspectiva do entrevistado é o mais importante, porém não representa a verdade absoluta.

A informação obtida na entrevista deve ser registrada, ou será esquecida. Este é um cuidado que o entrevistador deve ter, pois, muitas vezes, parte-se do pressuposto de que as respostas serão lembradas, mas isso normalmente não acontece. Portanto, o entrevistador deve:

- tomar notas durante a entrevista, mantendo a concentração, para não perder detalhes relevantes;
- evitar cansar os entrevistados, não deixando brechas entre as respostas em função das anotações;
- usar formulários com letras facilmente legíveis para os entrevistados;
- repassar, de acordo com o tempo disponível, aquelas perguntas sobre as quais persistiram dúvidas.

Como elaborar um roteiro de entrevista?

Quando se organiza um roteiro de entrevista, importa contemplar, pelo menos, três temas pertinentes na análise da Unidade de Produção Agrícola:

Aspectos sociais:

- ▶ composição da família;
- ▶ utilização da mão de obra familiar;
- ▶ histórico da família e de seus sistemas de produção;
- ▶ indicadores de qualidade de vida;
- ▶ objetivos da família em relação à UPA;
- ▶ infraestrutura da casa de moradia.

Infraestrutura de produção:

- ▶ domínio legal e tamanho da área;
- ▶ uso da terra;
- ▶ tipo e utilização da mão de obra;
- ▶ croqui da UPA;
- ▶ talhões do sistema de cultivo;
- ▶ máquinas, implementos e benfeitorias.

Aspectos técnico-econômicos:

- ▶ produção vegetal: volume, despesas e receitas;
- ▶ produção animal: volume, despesas e receitas;
- ▶ demais despesas que não as envolvidas nos sistemas de produção;
- ▶ receitas agrícolas;
- ▶ destino da produção: consumo animal, venda, consumo humano, outros;
- ▶ receita não-agrícola;
- ▶ demais despesas.

Estas questões podem ser mais ou menos aprofundadas, dependendo do objetivo a ser atingido pelo entrevistador; mas, de maneira geral, este conjunto de informações é suficiente para retratar de forma rápida a situação atual de uma UPA. Estas informações, associadas a outras obtidas mediante o uso das ferramentas descritas no item 2, representam um conjunto de resultados que irão contribuir para o planejamento e a gestão da UPA, bem como para possíveis proposições a serem implementadas no sistema produtivo desenvolvido.

Relatório de diagnóstico

De posse desse conjunto de informações, o próximo passo do entrevistador consiste na sistematização dos resultados, mediante a elaboração de um relatório de diagnóstico interpretativo. O relatório consiste, pois, em uma síntese das infor-

mações coletadas ao longo das visitas à UPA, bem como dos dados secundários ou obtidos de outras fontes. Seu objetivo é subsidiar o agricultor/produtor rural na gestão e no planejamento da UPA, apresentando uma avaliação de sua situação socioeconômica e produtiva, além de proposições pertinentes de alterações e mudanças no sistema de produção.

A seguir, serão descritos os passos e os conteúdos que devem compor o relatório de diagnóstico de uma UPA.

1 – Título

O título deve apresentar a definição da categoria social (agricultor familiar, agricultor patronal, empresário rural, grande proprietário) e uma descrição sucinta do sistema de produção colocado em prática na UPA.

2 – Reconstituição histórica da UPA

Consiste em uma apresentação dos movimentos migratórios, abandono ou introdução de cultivos e criações, compra, venda ou arrendamento de áreas, principais etapas, evolução e situação socioeconômica do produtor/agricultor e de sua família.

3 – O agricultor/produtor rural e sua família

Trata-se da descrição da situação socioeconômica familiar atual, condições de vida, acesso a serviços, meios de transporte, atividades de lazer, associativismo, objetivos, perspectivas futuras e demais situações pertinentes.

4 – Caracterização do meio natural da região

Consiste em uma apresentação sucinta e estruturada do meio natural onde a UPA está inserida:

- ▶ localização geográfica;
- ▶ clima;
- ▶ relevo;
- ▶ descrição genérica dos solos;
- ▶ recursos hídricos;
- ▶ vegetação natural;
- ▶ atendimento à legislação ambiental;
- ▶ estado de degradação ou preservação dos recursos naturais.

5 – Descrição e avaliação dos fatores de produção

Consiste na descrição e na avaliação dos três fatores básicos de produção alocados na UPA, a saber, Terra, Trabalho e Capital:

- ▶ Terra – Superfície total; superfície agrícola útil; situação fundiária; valor da terra; localização da UPA em relação às infraestruturas locais;

- ▶ Trabalho – Disponibilidade de mão de obra (familiar/contratada); venda de força de trabalho e atividades não-agrícolas; superfície agrícola útil em relação à mão de obra (SAU/UTH);
- ▶ Capital – Equipamentos e instalações disponíveis (valor, descrição, ano); impostos; financiamentos; nível de endividamento.

6 – Caracterização e avaliação do sistema de produção

Consta da apresentação e avaliação dos principais elementos e considerações referentes ao sistema de produção implementado na UPA:

- ▶ croquis e representações esquemáticas da UPA (com descrição das características e utilização das diferentes unidades da paisagem); a avaliação deve considerar se o uso das terras é adequado e se os diferentes usos da terra (cultivos, pastagens e preservação) estão localizados nas áreas mais apropriadas da UPA;
- ▶ sistemas de cultivo utilizados na UPA: identificação dos sistemas de cultivo (localização na paisagem, culturas, rotações, área, rendimentos médios, destino da produção);
- ▶ sistemas de criação utilizados na UPA: identificação dos sistemas de criação (criações, efetivos médios, composição do rebanho, produção anual, aspectos sanitários, localização na paisagem e destino da produção);
- ▶ atividades de transformação e de extração realizadas na UPA ou fora da UPA (descrição da atividade, período e local de realização, remuneração);
- ▶ outras fontes de renda não-agrícola (descrição, período e local de realização, remuneração);
- ▶ destino da produção (autoconsumo familiar, animal, uso interno da UPA, venda e modo de comercialização).

7 – Estudo do desempenho econômico da UPA

Consta da apresentação e interpretação dos principais indicadores agroeconômicos:

- ▶ cálculo detalhado de PB, CI, D, VAB, VA, RA, RT, Taxa de Lucro;
- ▶ cálculo de VA/UTH, VA/SAU, RA/UTH, RA/SAU, RT/UTH e RT/SAU;
- ▶ análise e avaliação crítica dos resultados agroeconômicos.

8 – Avaliação crítica global da UPA

Consiste na discussão de pontos positivos, pontos negativos, ameaças e oportunidades, além de outros aspectos relevantes do ponto de vista do agricultor e do entrevistador. É importante que esta avaliação não reflita somente o ponto de vista do avaliador. Nesse sentido, é necessário que seja dada muita ênfase à avaliação do produtor sobre sua UPA e que sejam feitas as correlações e contraposições necessárias mediante uma avaliação do entrevistador e/ou pesquisador.

Com base na avaliação crítica, e a partir da correlação de todos os fatores levantados, pode-se empreender a terceira etapa do planejamento e gestão da UPA, que consiste na proposição e/ou recomendação de melhorias no sistema de produção.

9 – Proposições para a UPA

Trata-se de formular recomendações de ações específicas para melhorias na UPA, quer em relação ao processo produtivo, quer em relação à qualidade de vida ou à qualidade ambiental. Elas incluem simulações com as principais proposições sugeridas, de modo que o produtor e sua família possam visualizar e apreender com maior clareza e objetividade as consequências dessas proposições.

A realização de um bom diagnóstico pressupõe a busca criteriosa das informações tanto da região onde está inserida a propriedade quanto da própria Unidade de Produção Agrícola, compreendendo-se esta UPA como um espaço de vida onde os produtores interagem e organizam seu sistema produtivo de acordo com suas expectativas, com seus objetivos e os objetivos do grupo familiar. Esse espaço, aqui denominado UPA, abriga a complexidade das relações existentes entre os modos de fazer agricultura no Brasil, que estão diretamente relacionados à forma de ocupação do espaço rural e à sua etnicidade. Isso realça a necessidade da realização de diagnóstico antes da proposição de qualquer tipo de intervenção no meio rural.

REFERÊNCIAS

CHAMBRERS, Robert; GUIJT, Irene. DRP: depois de cinco anos, como estamos agora?... *Revista Bosques, Árvores e Comunidades Rurais*, Quito, Ecuador, n. 26, p. 4-15, mar. 1995.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico Rural Participativo: um guia prático. MDA – Secretaria da Agricultura Familiar. Documento original elaborado pelo Centro Cultural Poveda. Rua Pina, 210 – Cidade Nova, Santo Domingo, República Dominicana. Impresso no Brasil pela Gráfica da ASCAR – EMATER/RS, 2006.